

## A REVOLUÇÃO RUSSA E SEUS ECOS NO BRASIL

Em novembro de 1917 (outubro, pelo antigo calendário gregoriano), as massas de operários, camponeses e soldados, sob o comando de Lênin, implantaram na Rússia o primeiro regime socialista.

*Os dez dias que abalaram o mundo* provocaram logo, depois do abalo, violenta reação. O jovem governo soviético, a braços com seríssimos problemas internos, iria enfrentar e vencer a ira do mundo capitalista, em campanhas heróicas e terríveis pelo sacrifício de vidas humanas que exigiam.

Como repercutiu tudo isso em nosso País? Que atitudes tomaram governo e povo? Como reagiram as classes dominantes, as forças armadas e o clero? Que encorajamento tiveram as massas trabalhadoras em sua luta por melhores condições de vida?

Neste fascinante livro que é

## O Ano Vermelho

os jornalistas Moniz Bandeira, Clovis Mello e A. T. Andrade nos dão o documentário vivo do que se passou aqui, em todos os terrenos políticos e sociais, a partir da tomada de poder pelos soviéticos.

MAIS UM LANÇAMENTO  
CIVILIZAÇÃO

Sebo e Livraria Corujinha

O Ano Vermelho - A Revolução Russa e seus Reflexos no  
Andrade, A. T. e Moniz Bandeira Clovis Mello



1000173178130

R\$ 13,00

[www.sebosonline.com](http://www.sebosonline.com)

Moniz Bandeira  
Clovis Mello e  
A.T. Andrade

# O ANO VERMELHO

A Revolução  
Russa e  
seus reflexos  
no Brasil

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA



*A Edgard Leuenroth e a todos os que contribuíram para a realização deste livro o agradecimento dos*

AUTORES

*A memória de Astrojildo Pereira.*

## Índice

Uma contribuição importante ( <i>Nelson Werneck Sadré</i> )	1
Pré-história	5
Rússia e Brasil	19
A guerra	35
1917	45
Rússia: de março a novembro	73
O perigoso Sr. Lênin	89
Dez dias que abalaram o mundo	97
O soviete do Rio	115
Anarquismo, socialismo e comunismo	149
O programa comunista dos libertários	169
Sob o signo do maximalismo	177
A revolução mundial	203
Escritores e revolucionários	233
O declínio	255
A grande cisão	267
Formação do PCB	283

### APÊNDICE

A revolução russa e a imprensa, por Alex Pavel ( <i>Astrojildo Pereira</i> )	303
O Itamarati nada viu	319

Depoimentos sôbre a greve insurrecional de 1918 (o so- viete do Rio)	327
No ajuste de contas ( <i>Lima Barreto</i> )	345
Sôbre o maximalismo ( <i>Lima Barreto</i> )	355
Manifesto da União Maximalista	363
Entendimentos de Lauro Müller com os anarquistas ( <i>Do- mingos Ribeiro Filho</i> )	369
A onda vermelha que se avoluma e avança ( <i>Afonso Schmidt</i> )	391
Wrangel ( <i>Afonso Schmidt</i> )	395
A socialização da Europa (Entrevista de Kautski a <i>Assis Chateaubriand</i> )	399
O relatório Canellas	407

## Uma Contribuição Importante

QUANDO OS autores d'êste trabalho me procuraram, há uns poucos meses, em busca de informação sôbre as fontes necessárias ao levantamento dos dados relativos à repercussão da Revolução Socialista no Brasil, manifestei-lhes minha desconfiança de que, em relação ao exíguo prazo para a realização das pesquisas, fôsse impossível chegar a resultado razoável. Havia a necessidade de lançamento do livro quando aquela revolução completasse meio século de seu irrompimento. Os dados estavam dispersos, exigiam consultas a arquivos pouco organizados, demoradas buscas em coleções de jornais antigos, leitura de livros e, além disso tudo, a organização e sistematização do material e a tarefa de escrever. O resultado, contido neste livro, surpreende-me, pela riqueza informativa, que corresponde ao extraordinário esforço desenvolvido pelos autores. Trata-se, na verdade, do maior acervo de dados já reunidos em livro, entre nós, a propósito do assunto, com

## Anarquismo, Socialismo e Comunismo

Os povos mais atrasados têm uma vantagem: podem saltar as etapas que os outros percorreram. Aprendem a experiência e assimilam as conquistas da civilização, no campo econômico, social e político.

O proletariado brasileiro pulou do anarquismo para o comunismo, sem passar pela social-democracia. Desde os fins do século passado, principalmente a partir dos primeiros anos da República, houve várias tentativas de organizar o nascente proletariado sob a forma de partidos socialistas. Todas, porém, logo se desvaneceram, como o Partido Socialista do Brasil, que realizou um congresso de 1902, ou ficaram reduzidas a pequenos grupos, como o Centro Karl Marx, que, em São Paulo, publicava o periódico *Parola dei Socialisti*, por volta de 1906. Também, em Porto Alegre, houve, naquela época, um Centro Socialista.

O jornal *Avanti*, editado em italiano por um grupo de socialistas, existiu por muito tempo, mas nunca logrou tornar-se o centro de irradiação das idéias marxistas. Em 1917, pertencendo ao Centro Socialista Internacional, que sucedeu à Federação Socialista do Estado de São Paulo.

Silvério Fontes, um dos primeiros brasileiros de formação marxista, fundou, em 1895, o Centro Socialista de Santos e lançou *A Questão Social*, mas não teve maior militância. Seu filho, o poeta Martins Fontes, tornou-se anarquista e, em 1922, aderiu ao Partido Comunista do Brasil.

Assim, embora seus líderes, como o professor Antônio Picarollo, participassem dos movimentos de massa, em São Paulo, ombro a ombro com os anarquistas, a social-democracia cingiu-se a pequenos círculos, constituídos, na sua maioria, por operários de origem italiana ou intelectuais. Em muitos Estados, socialismo e anarquismo chegavam a confundir-se no mesmo ideal de libertação. No Rio de Janeiro, porém, as divergências entre anarquistas e o pequeno grupo de socialistas manifestavam-se de modo mais agressivo, resultando em alguns incidentes.

A II Internacional jamais conseguiu transmitir sua mensagem às massas brasileiras. As idéias de Proudhon, Bakunin e Kropotkin aqui deitaram raízes. A participação na luta política e, sobretudo, eleitoral constituía verdadeiro opróbrio para os militantes do movimento operário. Um socialismo rarefeito e, por vezes, adocicado não poderia ganhar trabalhadores em desespero.

A ação direta dos anarquistas calou mais fundo no espírito dos revoltados.

Parece que este fato "se deve, principalmente, à própria estrutura econômica semifeudal do País", segundo a opinião de Astrojildo Pereira, "e, em consequência, à própria formação do proletariado nacional, aliás quase todo de imediata origem camponesa e artesanal, inclusive o que provinha de correntes imigratórias, facilmente influenciável pela ideologia pequeno-burguesa do anarquismo".\*

A partir do Congresso Operário de 1906, no qual se fundou a Central Operária Brasileira (COB), inspirada na CGT francesa, os anarco-sindicalistas assumiram a liderança das

massas. Isto não significa que tôdas as associações operárias estivessem sob seu controle. Havia algumas reformistas, de caráter assistencial e beneficente, outras que se chamavam de resistência e várias dirigidas por burocratas a serviço dos patrões e do governo.

As greves de 1917, 1918 e 1919 mostraram que o movimento operário estava, objetivamente, maduro, mas não possuía uma direção conseqüente, capaz de abrir a perspectiva política.

Os anarquistas, apesar da firmeza, da combatividade e do devotamento com que lutavam, não podiam desempenhar essa tarefa, em virtude das limitações da sua doutrina.

Que fazer? Nada sabiam.

A revolução russa introduziu, no movimento operário brasileiro, novas idéias, novos conceitos, novas palavras, embora, inicialmente, de forma vaga e confusa.

Os militantes anarco-sindicalistas saudavam-na como a realização da utopia libertária.

Faltava, na verdade, a todos, inclusive à intelectualidade, a informação exata e precisa sobre o tipo de regime que, na Rússia, se implantava.

Chamavam os bolcheviques de "maximalistas", porque — assim entendiam — apregoavam um programa radical. O programa máximo. Ignoravam que o Partido Operário Social-Democrata Russo se cindira, em 1903, em bolcheviques e mencheviques, por causa da definição de militante e, conseqüentemente, do conceito de partido.

Bolcheviques, ou seja, majoritários, não porque defendessem o programa máximo, embora esta circunstância viesse, mais tarde, aprofundar a dissidência, separando Lênin de Plekanov. Chamavam-se majoritários porque obtiveram a vitória no congresso da social-democracia russa.

Em 1919, na brochura intitulada "O que é o maximismo ou bolchevismo" e que se apresentava, na capa, como *Programa Comunista*, escreviam Hélio Negro e Edgard Leuenroth:

"Este livro destina-se aos trabalhadores do Brasil, a fim de lhes dizer o que é o BOLCHEVISMO ou MARXISMO e o Comunismo que, numa palavra — é o "SOCIALISMO".

*Bolche* significa máximo e *Menche* quer dizer mínimo, assim como *vique* corresponde à nossa terminação *ismo*. Por-

\* Formação do PCB, Ed. Vitória.

tanto, a tradução de *Bolchevique* é *Maximismo* e a de *Menchevique* é *Minimismo*.

Maximistas são os adeptos do programa máximo do partido socialista, e minimistas são os partidários do programa mínimo.

*Maximalismo*, *Bolcheviquismo* etc. são idiotismos que tiveram origem na tradução do idioma russo para o inglês e deste para o português.

Atualmente, na Rússia, conforme a sua Constituição, aprovada em 1918 pelo 3º Congresso Pan-Russo dos Sovietes, está estabelecida uma organização política e econômica de transição, que dá aos trabalhadores e soldados, organizados em conselho (sovietes), todo o poder da nação.

"O capítulo V — art. 9º — determina que o princípio essencial da Constituição da República Federal dos Sovietes, no período de transição atual, enquanto durar a situação revolucionária, reside na instauração do poder proletário urbano e rural e CAMPONESES MAIS POBRES, COM O FIM DE SUPRIMIR A EXPLORAÇÃO DO HOMEM E DE FAZER TRIUNFAR O SOCIALISMO, SOB CUJO REGIME NÃO HAVERÁ DIVISÃO DE CLASSES, NEM O PODER DE ESTADO".

A insurreição bolchevique, na Rússia, constituía-se como vetor para as novas lutas do proletariado brasileiro.

Aquele tempo, no Brasil, os anarquistas, congregados nos sindicatos, formavam núcleos, sem maior coordenação e possuíam diversos jornais: *A Plebe*, *Alba Rossa* e *Tribuna do Povo*, em São Paulo, *A Liberdade*, *Germinal*, no Rio de Janeiro, e vários outros nos Estados, como *Semana Social*, de Maceió, e *Hora Social*, do Recife. Muitas publicações surgiam e desapareciam, periodicamente, não chegando a sair com regularidade ou sobreviver por muito tempo.

Os socialistas, sem que se caracterizassem acentuadamente, como marxistas, desenvolviam atividades, em menor escala.

Antes e depois de 1902, quando houve a tentativa de criar, em São Paulo, o Partido Socialista do Brasil, procuraram organizar-se muitas vezes, sobretudo no âmbito estadual e, por vezes, municipal, mas com objetivos eleitorais e sem qualquer resultado mais profundo. A bem da verdade, tais socialistas, com exceção, talvez, de pequenos agrupamentos estrangeiros (italianos e alemães), em São Paulo, não co-

nheciam bem as idéias de Marx e sofriam forte influência dos utopistas.

A partir de 1917 e, sobretudo, depois da revolução russa, os militantes sindicais, pequenos-burgueses e operários, na sua grande maioria de formação anarquista e, também, alguns intelectuais começaram a buscar novas formas de organização.

Santos Soares, em 1918, criou a Liga Comunista de Livramento (Rio Grande do Sul) e lançou uma publicação. A polícia assaltou a sede, mas a Liga continuou a existir até 1922. Em Passo Fundo, (também, Rio Grande do Sul) apareceu o Centro Comunista. E na cidade do Rio Grande, os trabalhadores inscreveram na fachada da União Operária: "Operários de todos os países, uni-vos".

O *Manifesto Comunista* que, no início do século, os socialistas divulgaram, traduzido por um militante libertário, num dos seus periódicos, saiu em Pôrto Alegre. Em 30 de junho de 1919, o Partido Socialista do Brasil (Rio de Janeiro) iniciou a sua publicação, nas edições de *Tempos Novos*, cujas capas retratam de Jaurès, Marx e Engels ilustraram. Traduziu-o um engenheiro alemão, que se chamava George Magh e que também vertera para o português passagens de *O Capital*. A *Voz Cosmopolita*, semanário dos trabalhadores em hotéis, restaurantes e cafés, editou o *Manifesto Comunista* em sucessivos números.

Abílio de Nequete, em Pôrto Alegre, fundou a União Maximalista, que lançou um manifesto\* aos operários, com data de 1 de novembro de 1918. Conclamava:

"Operários! invadi essas casas arejadas e habitai-as sem discussão, porque foram construídas por vossas próprias mãos. Destrói duma para sempre, o capricho dessa corrompida sociedade que tem por objetivo aniquilar-vos.

"Apoderai-vos dêses depósitos de produtos alimentícios e alimentai-vos dêles sem receio, porque êles são o produto do vosso labor, são portanto legitimamente vossos e não de seus atuais detentores, vossos figadais inimigos, os quais há séculos consomem sem produzir coisa alguma. — Ponhamo-los fora da nossa comunidade, só lhes aceitando quando se apresentarem como de fato produtores.

\* V. "Apêndice".

“Operários! apoderai-vos de tudo que encontrardes depositado em tecidos e calças e vesti-vos, porque se não fôra as vossas mãos nada disso haveria.

“Operários! mais um impulso e a burguesia do mundo cairá. Tende em mira o impulso “maximalista” bastando ali a vontade dos operários e soldados, para pôr por terra não só a secular tirania dos Romanov como também a seu satélite a *Democracia Kerenskina*.

“Operários! Assim como a cólera é oriunda dos campos de batalha e ora nos afeta, assim como tôdas suas conseqüências nos atingem, da mesma sorte ou melhor ainda por se tratar da madureza do homem, o maximalismo era triunfante na Rússia e, segundo as últimas informações, já está invadindo os Impérios Centrais, começando pela Bulgária, já bate no trono dos Hohenzollern... estejais pois alerta, porque êle há de vir até cá... muito breve talvez, a despeito de todos os arreganhos...

“Operários! lutai sempre contra êsses inimigos que, insociáveis, procuram por todos os meios aniquilar os vossos esforços em seu exclusivo proveito, explorando-vos com *religião*, patriotismo e mil insânias...

“Nada de ódios aos soldados! porque são vítimas como vós, são vossos iguais, pois quem diz soldado diz operário e vice-versa. Tende em cada um dêles um camarada de luta. A vossa fraqueza é filha de vossa divisão -- uni-vos pois! e não haverá força alguma que possa vos enfrentar. Pondo um ponto final nesta inaturável situação de carnificina e miséria em que a burguesia vos mercadeja como que fôsses um rebanho de animais inconscientes.

*Tende pois consciências de vós mesmos...*”

O documento, vazado numa linguagem simples e com erros de gramática, revela a origem humilde de seu ou seus autores. Abílio de Nequete, o líder da União Maximalista, nascera na Síria e exercia a profissão de barbeiro.

A cidade de Cruzeiro, em São Paulo, teve um dos primeiros núcleos comunistas do Brasil, dirigido pelo electricista Hermogêneo Silva, sob a denominação de União Operária 1º de Maio. Funcionou de 1917 a 1919 e Hermogêneo Silva, como Abílio de Nequete, participaria da fundação do PCB.

Cristiano Cordeiro e Rodolfo Coutinho organizaram no Recife um Círculo de Estudos Marxistas, criando-se também uma Universidade Popular, entre 1919 e 1920.

Existiu, em Maceió, a Sociedade dos Irreverentes, de orientação anticlerical e socialista (1917) e, depois, surgiu a Congregação Libertadora da Terra e do Homem (1918).

Em Fortaleza, funcionou um Partido Socialista Cearense que lançou, em 14 de julho de 1919, o periódico *O Ceará Socialista*.

Em agosto de 1920, em Salvador, fundou-se o Partido Socialista Baiano, organizado por uma Comissão Operária, da qual participavam Adriano Marques, metalúrgico, Guilherme Néri, pedreiro, Ângelo Barbosa, estucador, José Carneiro dos Santos, marceneiro, Firmo de Novais, estucador, Ildefonso Soares, sapateiro, Cassiano José de Araújo, entalhador, José de Almeida e Ainal Lopes Pinho, marceneiros.

O programa preconizava: socialização do comércio, das grandes indústrias e de todos os meios de transporte, fixação do salário mínimo, equiparação para todos os efeitos dos operários municipais, estaduais e federais aos funcionários públicos, abolição de todos os impostos indiretos e transformação num impôsto progressivo sobre qualquer renda de seis contos de réis anuais, voto de mulher e do soldado, reforma da lei do inquilinato e despejo.

O Partido Socialista Baiano que se instalou, solenemente, na sede do Sindicato dos Produtos de Marcenaria, ao Largo do Carmo nº 16, 1º andar, aprovou moção de protesto contra a intervenção na Rússia e lançou as candidaturas de Maurício de Lacerda, para senador, e Agripino Nazaré, para deputado. Começou a circular *Germinar*, dirigido por Agripino Nazaré.

Houve uma febre de criação de grupos e partidos, muitos dos quais, pela falta de documentação, o tempo afundou no esquecimento.

No dia 1º de maio de 1917, um grupo de rapazes, na maioria intelectuais e estudantes, fundou o Partido Socialista do Brasil, liderado por Nestor Peixoto de Oliveira. Sua orientação era nitidamente social-democrata, talvez mais influenciada pela linha de Jean Jaurès. Esse psb teve uma existência precária até 1919, existindo mesmo, no seu meio, aqueles que desejavam arrastá-lo a apoiar a entrada do Brasil na

guerra. Houve, em 1918, algumas iniciativas para dinamizá-la, mas, só em 4 de janeiro de 1919, com o lançamento do primeiro número de *Fôlha Nova*, seu órgão oficial, conseguiu repercussão. Os anarquistas não lhe davam trêgua, chegando o velho militante operário Pedro Matera a interromper uma de suas assembléias, num cinema de Catumbi, para dizer:

— Pensei que se tratava de uma reunião proletária e encontro meia dúzia de mocinhos bonitos.

Sobreveio o alvoroço e Alberto Moreira, orador oficial da cerimônia, exclamou:

— “Mocinhos bonitos”! Mas como? Eu só vivo de me...

A platéia gelou esperando o palavrão, conta o poeta Murilo Araújo.

E ele concluiu:

— ... dia. Média.

Catavam operários a laço. Os sindicatos, dominados pelos anarquistas, fechavam-lhes as portas.

O número 1º de *Fôlha Nova* demonstra excessiva moderação, uma posição bastante diretista, que se traduz em dois tópicos: um, contra a tentativa de sublevação dos anarquistas, em novembro de 1918; e outro, sobre “O Maximalismo Russo”.

Esta nota dizia:

“Não somos maximalistas e achamos até que o seu advento no Brasil seria um fracasso, mas não podemos furta-los a comentar a campanha de calúnias que certa imprensa interessada mantém no mundo contra o maximalismo.

“Essa campanha infame, como todas as que atacam as regras da liberdade, é feita por meio de telegramas inventados nas agências telegráficas, que comumente se contradizem, afirmando uns o que outros negam e descrevendo horrores que nunca existiram.

“Entretanto, as cartas que chegam daquele país e passam sem censura alguma, descrevem a situação numa forma bem distinta, dando um firme desmentido às notícias que lemos diariamente.

“A revolução russa devia ter tido algumas vítimas, mas qual a que não as tem? Outras revoluções, que alteraram somente o governo, sem transformar a organização social, tiveram muito mais sangue derramado. E será que a revolução russa, derrubadora de um trono milenário, não tivesse que abater alguns reacionários no seu trajeto?

“Mas, além de tudo isto, devemos observar que, se o maximalismo fôsse realmente uma doutrina sanguinária, como querem alguns, êle não seria aceito noutros países do mundo”.

Daí por diante, *Fôlha Nova* que saía quinzenalmente e, depois, *Tempos Novos* (o órgão do PSB mudou de nome no 1º de Maio de 1919) tomou posição cada vez mais combativa, em defesa da revolução russa, principalmente através de artigos que Isaac Izecksohn assinava. Sob a direção de Nestor Peixoto de Oliveira, compunham a redação do periódico Murilo Araújo, Isaac Izecksohn, Tertuliano Toledo de Loyola e Francisco Santos.

A *Razão*, de 1º de março de 1919, registra uma de suas reuniões, à qual “compareceram pessoas de quase todas as nacionalidades que habitam este País e dos diversos Partidos trabalhistas brasileiros”.

“Entre outros” — prossegue a nota — “estiveram presentes o secretário geral e tesoureiro, respectivamente representantes dos partidos socialistas de São Paulo, o Sr. Seola\* e Duprat, do Internacional Obreiro de França, e o Sr. Isaac Izequesmo,\*\* do Partido Operário de Petrópolis”.

Outras assembléias realizou o PSB, para aprovação do programa e dos estatutos, que a imprensa noticiou. Não conseguiu, porém, filiar-se à II Internacional (*Bureau Socialista Internacional*), embora pretendesse e efetuasse *démarches* com tal objetivo, em 1919. A Internacional Socialista reconheceu outro partido, que então funcionava somente em Madureira e com o qual o PSB não chegou a entendimento, visando à fusão. O nº 5 de *Fôlha Nova*, primeira quinzena de março, declarava:

O “PSB cogita atualmente de enviar um representante ao Congresso Socialista Pan-Americano e inscrever-se brevemente no *Bureau Internacional Socialista*, assumindo de vez o lugar que lhe corresponde”.

Justamente, a essa época, ecoavam no Brasil as notícias da fundação do Comintern, para sepultar a II Internacional,

\* Seola. (N. dos As.)

\*\* Izecksohn. (N. dos As.)

que Rosa Luxemburgo já considerava um "cadáver putrefacto".

Segundo o *Jornal do Brasil*, compunham a direção do PSB em 1918, Nestor Peixoto de Oliveira, Isaac Isecksohn, Toledo de Loyola, Murilo Araújo, José Kóski e Francisco Santos, integrando o Conselho Fiscal Cândido Costa, Alonso Costa e Francisco Leite. Seu secretário geral (não havia presidente) era Nestor Peixoto de Oliveira.

O PSB lançou a candidatura de Evaristo de Moraes, em 1918, a deputado federal. Não obteve êxito nas eleições.

Também funcionava, em São Paulo, um Partido Socialista, que tinha João Scala como dos principais dirigentes.

Os jornais da época referem-se a um Partido Operário Independente, fundado, no Rio de Janeiro, por J. J. Seabra, e à Corporação dos Trabalhadores Católicos, criada, em Banggu, pelo monsenhor Rangel, para combater o anarquismo. Em 1º de Maio de 1918, Anselmo Rosa, do Centro Operário Baiano, fundou no Rio um Partido Trabalhista.

Tôdas as correntes políticas, mesmo as burguesas e conservadoras, apelavam para o proletariado.

A Aliança Anarquista do Rio de Janeiro liderava a maioria das uniões de resistência, denominação que se dava aos sindicatos, naquela época. Com a notícia, porém, da fundação da Internacional Comunista (III Internacional ou Comintern), em março de 1919, os militantes libertários que se consideravam "maximalistas" e se identificavam com o regime soviético, decidiram constituir-se como Partido Comunista do Brasil. A III Internacional aprovava uma resolução no sentido de que todos os grupos revolucionários se chamassem partidos comunistas.

Os anarquistas do Rio de Janeiro tomaram a iniciativa de estruturar a nova organização e, em 9 de março, surgiu, no Rio, o PCB, promovendo, logo em seguida, atos públicos, para comemorar o aniversário da Comuna de Paris (18 de março) e refutar o pronunciamento de Rui Barbosa sobre a questão social (30 de março). Os núcleos libertários de São Paulo acompanharam o exemplo, formando a Liga Comunista e, em 16 de junho, constituíram-se como Partido Comunista.

Edgard Leuenroth, num depoimento pessoal aos autores deste livro, confirma que "esse partido foi uma organização de emergência, fundada num ambiente de fermentação do movimento social internacional, conseqüente da repercussão provocada pela revolução russa". E, segundo ele ainda, articulou sua atividade através de agrupações espalhadas pelo País".

Astrojildo Pereira recorda: "A idéia desse partido nasceu nos primeiros meses daquele ano de 1919 e logo se pôs em prática depois de rápidos entendimentos entre os militantes mais ativos do movimento operário do Rio e dos Estados".\*

Esclarece ainda Edgard Leuenroth que essa organização não tinha nenhuma finalidade política, apesar de sua denominação de partido que caracteriza as organizações políticas de atividade eleitoral. Sendo uma organização de momento, sem o enquadramento disciplinar do bolchevismo e sem a finalidade de ser a expressão orgânica do anarquismo no Brasil, foi cessando sua atividade à medida que iam desaparecendo motivações que lhe haviam dado origem".

A idéia de partido, o nome comunista, os termos secretariado e comissariado do povo, tudo isto misturado e adaptado a concepções tipicamente libertárias, denunciam a profunda ressonância que a revolução russa alcançou no movimento operário do Brasil. Astrojildo Pereira também salienta: "Tratava-se, na realidade, de uma organização tipicamente anarquista, e a sua denominação de 'Partido Comunista' era um puro reflexo, nos meios operários brasileiros, da poderosa influência exercida pela Revolução proletária triunfante na Rússia, que se sabia dirigida pelos comunistas daquele país. O que não se sabia ao certo é que os comunistas que se achavam à frente da revolução russa eram marxistas e não anarquistas. Só mais tarde estas diferenças se esclareceram, produzindo-se então a ruptura entre os anarquistas ditos "puros" e "intransigentes", que passaram a fazer críticas e restrições aos comunistas russos, chegando por fim à luta aberta contra o Estado Soviético e os anarquistas que permaneciam fiéis à classe operária, os quais chegariam finalmente a com-

\* Formação do PCB.

preender que no marxismo é que se encontra a definição teórica justa de ideologia do proletariado".\*

O testemunho de Edgard Leuenroth coincide com a apreciação de Astrojildo Pereira: "A notícia dessa revolução (russa) teve repercussão favorável no Brasil, sendo recebida com simpatia e manifestações de apoio entre o elemento ativo do proletariado. Deve-se esclarecer que somente após alguns anos é que se foi generalizando aqui o conhecimento exato sobre as modalidades doutrinárias e estruturais do regime estabelecido".

Os anarquistas, uma vez criado o PCB, no Rio de Janeiro, passaram a articular uma conferência nacional.

A *Plebe*, órgão anarquista, registrou na edição de 21 de junho de 1919, na primeira página:

#### "PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

"No domingo p.p. realizou-se no salão *Internacional* uma conferência para dar como definitivamente constituído o Partido Comunista de São Paulo.

"Perante avultada concorrência, três camaradas fizeram uso da palavra, expondo as idéias do comunismo anarquista e os modernos princípios da liberdade, sendo aclamados pelos presentes os princípios expostos e as bases da novel organização que já conta numerosos aderentes.

"Muitos dos presentes increveram-se como sócios. A reunião terminou no meio do maior entusiasmo".

E trazia outra notícia, introduzida pelos títulos:

"Sus pela anarquia!

#### "PRIMEIRA CONFERÊNCIA COMUNISTA DO BRASIL

"Iniciam-se hoje, no Rio, os seus trabalhos"  
Informava:

"Uma notícia animadora para todos aquêles que participam do movimento anarquista: iniciam-se hoje, no Rio, os trabalhos da primeira Conferência Comunista do Brasil.

"Essa proveitosa iniciativa foi lançada vai para dois meses pelo secretariado do Partido Comunista da Capital da República

\* Op. cit.

que expediu circulares para tôdas as localidades do País onde existem grupos ou militantes isolados, convidando-os a participarem dos trabalhos dessa conferência, fazendo-se nela representar por camaradas mandados ao Rio especialmente para esse fim.

"Apesar das grandes dificuldades a vencer num empreendimento dessa índole, dentre as quais avultam as despesas enormes exigidas com a viagem dos representantes das agrupações que sempre lutam com a escassez de recursos, bem numerosos são os camaradas de pontos diversos do Brasil que conseguirão encontrar-se no Rio, a fim de trocarem idéias e impressões acêrca do estreitamento de relações entre os elementos anarquistas dispersos por tôda esta vasta região da América.

"Sem o estardalhaço que costumam fazer ao redor dos congressos de matizes vários até aqui realizados, a Conferência Comunista realizará os seus trabalhos tendo em mira a magnitude deste momento de grandes transformações sociais,\* pautando as suas deliberações de acôrdo com o seguro critério dos militantes libertários, os únicos que neste País de politicagem têm princípios e sabem defendê-los até ao sacrifício.

"A Conferência Comunista não vai legislar, nem ditar ordens. Os companheiros que nela vão se encontrar tratarão apenas de ventilar iniciativas, trocando opiniões e propósitos da organização do Partido Comunista, das suas bases federativas e da ação que deverá desenvolver em prol do nosso ideal.

"Ao que sabemos, já se encontram no Rio representantes de agrupações do Rio Grande do Sul, Pernambuco, Alagoas, São Paulo e Estado do Rio.

"É de esperar que dêse encontro dos nossos elementos surjam boas iniciativas tendentes a dar maior desenvolvimento à nossa obra que, mais do que nunca, se impõe como única solução à derrocada burguesa.

"Saudamos, pois, os camaradas que hoje se reúnem no Rio vivendo à Anarquia".

Assim, nos dias 21, 22 e 23 de junho, realizou-se a Conferência, para constituir, definitivamente, o Partido Comunista do Brasil, que, na verdade já existia no Rio e em São Paulo. No Rio, também, havia uma Liga Comunista Feminina.

\* Grifo dos autores.

A *Plebe* (São Paulo), de 28 de junho de 1919, relata, na primeira página, o acontecimento, sob os títulos:

"Trabalhando pela Anarquia

"PRIMEIRA CONFERÊNCIA COMUNISTA

"Apesar dos arreganhos do famigerado Aurelino, realizou-se com pleno sucesso — As suas resoluções".

"Com efeito, compareceram 22 delegados (17 brasileiros e 5 estrangeiros) de Alagoas, Minas, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e São Paulo, devendo José Oiticica elaborar os "Princípios e fins do comunismo".

A polícia, dirigida por Aurelino Leal, interveio e os conferencistas tiveram que mudar-se para Niterói, onde continuaram as reuniões.

A *Plebe* (28.6.1919) narra:

"A sessão inaugural

"Com o vasto salão do Centro Cosmopolita repleto de assistentes, teve início no sábado a sessão inaugural, sem obediência a nenhuma das formalidades costumeiras, dispensando-se a indefectível presidência. Mas o camarada do núcleo do Rio deu início aos trabalhos com a leitura do relatório dos trabalhos executados até então pelo Partido Comunista, relatório êste que publicaremos em outro número.

"A seguir, um camarada toma a palavra e leu a moção abaixo publicada e que foi aprovada por entusiástica aclamação da numerosa assistência e que, de pé, cantou vibrantemente a *Internacional*, cujas derradeiras estrofes foram coroadas com vivas à Anarquia.

"Declarações de princípios

"Passou-se depois a trocar idéias sôbre o programa do Partido Comunista, ficando decidido, após prolongada e proveitosa discussão, da qual participaram muitos delegados, que se confiasse a uma comissão o trabalho de redigir as declarações de princípios, aproveitando as exposições escritas e verbais feitas, devendo essas declarações ser ratificadas pelos vários núcleos existentes.

"2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> Sessões

"Não puderam ter a retumbância da primeira, mas foram realizadas, apesar do arreganho do truanesco Aurelino. Deixando de nos ocupar mais longamente dessa magna proeza do Javert de fancaria, pois abaixo três camaradas já o fazem, passamos a registrar as resoluções da Conferência.

"Moção aos comunistas

"A Conferência do Partido Comunista do Brasil, antes de encetar os trabalhos, resolve proclamar a sua calorosa e entusiástica solidariedade com o proletariado revolucionário do mundo, o qual, a esta hora em luta aberta contra o Estado e o Capitalismo, se empenha na imensa e fecunda batalha pela implantação do Comunismo sôbre a Terra, tornando-a livre para o Homem livre".

A Conferência aprovou, também, as "bases de acôrdo", substanciadas nos seguintes pontos:

"1. Podem fazer parte do Partido todos os homens e mulheres, residentes no Brasil, que estejam de acôrdo com o seu programa e meios de ação.

"2. O ingresso como sócio no Partido vale por um compromisso pessoal de defender e propagar o programa aceito.

"3. Em cada localidade do Brasil onde se constitua um núcleo do Partido, êsse núcleo designara uma comissão encarregada dos trabalhos de secretaria e relações.

"4. A contribuição de cada sócio do Partido, destinada apenas às despesas de propaganda local e correspondência, será determinada segundo as necessidades de cada núcleo.

"5. As despesas de caráter geral, interessando parte ou a totalidade dos núcleos bem como as despesas eventuais e extraordinárias, serão cobradas por meio de subscrições voluntárias e de ocasião.

"6. O entendimento coletivo entre os núcleos de uma determinada região do País, ou de todo o País, far-se-á por meio de conferências de delegados diretos dos núcleos que possam comparecer.

"7. Cada núcleo do Partido enviará a essas conferências os delegados que entender, sendo que as deliberações das conferências tomar-se-ão por acôrdo unânime".

O partido admitia "anarquistas, socialistas e todos os que aceitarem o comunismo social".

Na mesma edição, *A Plebe* descreve o conflito com a polícia:

"Com as notícias espalhadas na cidade pelos jornais sôbre a primeira reunião da Conferência Comunista, a polícia se pôs a postos e determinou praticar mais uma de suas proezas habituais.

"O tal Aurelino ordenou aos seus auxiliares que imediatamente fôsse impedida a segunda reunião. Nada menos que uma má-tula de delegados e agentes foi então mandada, para o Centro Cosmopolita, onde estavam reunidos alguns comunistas que começavam então a chegar.

"As dez horas da manhã lá apareceram homens sob o comando do major Bandeira de Melo que, se dirigindo aos poucos comunistas que já no Centro se encontravam, proibiu, em nome do chefe de polícia, a realização da Conferência. Enquanto isso sucedia, os policiais, postados às portas, impediam a entrada dos que chegavam. Os que ouviram do major Bandeira a inesperada nova indagavam em que se baseava a polícia para proibir a Conferência, sendo então respondido que só o chefe de polícia poderia dar explicações. Os conferencistas retiraram-se... e foram realizar a reunião em Niterói... Mais tarde a diretoria do Centro e alguns delegados foram convidados a ir à Central de Polícia".

Nicanor Nascimento protestou da tribuna da Câmara. *Tempos Novos*, do PSB, condenou, igualmente, a violência da polícia.

O PC deu uma nota à imprensa. *A Razão*, de 23 de junho, publicou as conclusões da Conferência. Uma comissão especial encarregou-se de redigir as declarações de princípios.

Astrojildo Pereira\* lembra que "antes e depois da conferência o Partido promoveu alguns atos públicos, realizados em sedes sindicais, com o comparecimento de grande número de operários. Foi assim em 18 de março, dia da Comuna de Paris; em 13 de maio, dia da Abolição; em 14 de julho, dia da tomada da Bastilha etc."

A comemoração de 13 de maio teve como orador Evaristo de Moraes.

\* *A Formação do PCB.*

Somam-se também ao seu ativo as manifestações proletárias de 1919.

*Spartacus*, jornal dirigido por Astrojildo Pereira (redação) e Santos Barbosa (administração), publicava, na sua edição de 9 de agosto de 1919:

"Como estava anunciado, realizou-se no domingo último o festival pró-*Spartacus*, organizado por iniciativa do Partido Comunista do Brasil, núcleo do Rio.

"A pequena festa decorreu animadíssima, apesar da alteração forçada e imprevista, com a falta de música.

"Ao ribombar da trovoadá, em furioso canhoneio pelo céu velho, lá fora, o camarada Dr. Fábio Luz deu começo à leitura de sua conferência, "A imprensa e o proletariado", atentamente ouvida e calorosamente aplaudida. Começamos a publicá-la desde hoje, noutra página.

"A seguir os camaradas Otávio Brandão, Santos Barbosa, José Madeira, Amilcare, Carolina, Elvira e Valdemira Fernandes disseram versos e fábulas raras, recebendo todos fartas palmas do auditório.

"A quermesse fêz-se com pleno êxito, esgotando-se inteiramente os objetos oferecidos.

"O festival terminou por volta das 11 horas, ao som da *Internacional e Filhos do Povo*, cantados pela assistência".

Na mesma edição, *Spartacus*, cuja tiragem, no início de 4.000 exemplares, passou a 6.000 depois, publicava outra informação:

"Liga Comunista Feminina.

"Resoluções tomadas na reunião realizada terça-feira última: edição de um manifesto, auxílio de 50\$ a *Spartacus*, passar para 100 réis o preço do folheto "A família em regime comunista", tomar parte na romaria vermelha de domingo próximo ao túmulo dos soldados assassinados há um ano pela polícia de Niterói, publicar brevemente um folheto, a conferência efetuada pela camarada M. de L. de Nogueira, no festival da Liga.

Os soldados a que se refere a nota, colocaram-se ao lado dos operários, nas greves de 1918, em Niterói.

A Liga Comunista Feminina que tinha como líder Maria de Lurdes Nogueira, reuniu-se em 27 de maio de 1919, para declarar-se solidária com o Partido Comunista do Brasil, aprovando, na oportunidade, as "bases do acôrdo", que se substanciava no seguinte:

#### 1º Ponto

- a) estar de inteiro acôrdo com a sua orientação;
- b) contribuir mensalmente com a quantia estipulada para as despesas da sede, secretaria e propaganda (biblioteca, manifestos, etc.)

#### 2º Ponto

- 1) serão aclamadas, semestralmente, em reunião geral, quatro companheiras que constituirão uma junta administrativa, cujas funções só podem ser executivas e nunca de motoproprio, exceto em casos excepcionais ou de somenos importância;
- 2) essas companheiras ocuparão os cargos de secretária do expediente, secretária auxiliar, tesoureira e bibliotecária;

#### 3º Ponto

- 1) as reuniões gerais serão encaminhadas por uma camarada para êsse fim nomeada na ocasião;
- 2) a Liga Comunista Feminina, considerando que a praticabilidade de quaisquer resoluções depende, apenas, da boa-vontade e do interesse individual ou coletivo e que, portanto, não há necessidade de "grafar" hoje "o que urge fazer amanhã", processo êsse que representa um dispêndio de energias e bem assim uma das mais inúteis modalidades do praxismo burguês, não adotará o sistema de atas.

#### 4º Ponto

A Liga Comunista Feminina manterá duas representantes trimestralmente substituídas junto ao PCB.

#### Último Ponto

Em caso de dissolução da Liga, todo o seu espólio será confiado aos cuidados do Partido Comunista do Brasil e, na falta dêste, a qualquer associação de orientação inovadora.\*

O apêndice levava como título "Princípios do socialismo anarquista", com o esclarecimento: (Comunismo).

Era a primeira vez que os anarquistas procuravam agrupar, numa só organização nacional, os diversos núcleos que existiam pelos Estados.

Tentavam a unidade sob a inspiração do que se passava na Rússia. E plantavam, dessa forma, as sementes do futuro Partido Comunista do Brasil.

\* A Razão, 2 de junho de 1919.

## O Programa Comunista dos Libertários

«PROGRAMA COMUNISTA» — este, o subtítulo que trazia a brochura *O que é Maximismo* ou *Bolchevismo*, publicada, em 1919, por Hêlio Negro (pseudônimo do comerciante Antônio Duarte Candeias) e Edgard Leuenroth. Constituiu uma tentativa de visualizar o ideal do recém-fundado Partido Comunista do Brasil, tomando como ponto de referência a revolução russa de novembro. Era a concepção libertária do comunismo, inspirada numa nova realidade: a República dos Sovietes. Ou, em outras palavras, a República dos Sovietes, vista através dos óculos do anarquismo.

O bolchevismo — “maximismo” ou “maximalismo” — traduzia-se apenas, para eles, na reivindicação do programa máximo: a realização imediata da etapa suprema, a anarquia.

“O regime vigente na Rússia” — definem Hêlio Negro e Edgard Leuenroth — “é uma organização de defesa e reconstrução

ção, a caminho do almejado comunismo libertário, que trará para todos a paz, o bem-estar e a liberdade”.

E, mais adiante, acrescentam:

“Nós, comunistas libertários, não concebemos o comunismo senão como forma social tendente a aumentar o bem-estar e a liberdade individual; e, por isso, somos inimigos irreconciliáveis do coletivismo ou do socialismo de Estado que, tendendo à destruição dos privilégios capitalistas, criam inevitavelmente os privilégios burocratas”.

Passam, depois, a descrever:

“Em regime comunista há só uma classe: os trabalhadores são simultaneamente diretores da produção e da distribuição, possuidores do material social e operários. Assim, nas suas assembleias profissionais assentam as condições econômicas da produção e da distribuição e nesta qualidade substituem os patrões. Além disso, como a direção profissional instaura de fato a propriedade social, os trabalhadores são co-proprietários do material; são, aliás, operários manuais e intelectuais.

“Sob este regime os indivíduos têm todos os mesmos interesses econômicos; há identidade, coincidência perfeita do interesse individual e do interesse coletivo e não se pode pretender um sem alcançar o outro; este último é, positivamente, a soma dos interesses particulares. Enquanto nas sociedades patronais os interesses econômicos estão em perpétua oposição.

“Com a direção profissional, os indivíduos, para alcançarem a satisfação dos seus interesses, possuem os mesmos poderes, porque todos os membros de uma assembleia sindical podem decidir da duração do trabalho. A igualdade das faculdades físicas é impossível e impediria toda a vida social, pois a variedade das tarefas e das funções exige correspondente variedade nas aptidões e dons naturais. A dos poderes econômicos, porém, é perfeitamente possível e existe nas sociedades de direção profissional que realizam, finalmente, essa igualdade, hoje tão vamente proclamada.

“Estas sociedades são, pois, formadas de indivíduos que, sob o ponto de vista econômico, possuem todos iguais poderes e os

mesmos interesses. Isto é um caráter fundamental e de capital importância que as diferencia completamente das atuais sociedades patronais”.

O “programa comunista” de Hélio Negro e Edgard Leuenroth previa a criação de Conselhos Comunsais, em cada cidade de população numerosa, tantos quantos fôsem os bairros, subúrbios e distritos em que se dividisse. Representantes de todos os centros de trabalho e agremiações locais integrariam esses conselhos e lhes caberia “tratar de tudo que se relacionar com as questões de interesse particular das populações locais em que estiverem situados”.

Representantes de todos os Conselhos Comunsais de bairros, subúrbios ou distritos constituiriam um Comissariado do Povo. Nas localidades, onde não houvesse Conselhos Comunsais, por ser pequena a população, os representantes das corporações, centros de trabalho ou de grupos de casas integrariam, diretamente, os Comissariados.

Os Comissariados elegeriam, entre os seus componentes, uma Comissão Executiva e comissões especiais, segundo os ramos de atividade coletiva.

Não se tratava, propriamente, de um programa de reivindicações econômicas e políticas. Era mais, na verdade, o esboço de uma carta constitucional, alguns pontos espelhando o que o 3º Congresso Pan-Russo dos Sovietes aprovara, em janeiro de 1918. Era todo um princípio de organização, em que se entrelaçam e se confundem idéias libertárias e inovações da ditadura do proletariado na Rússia. Estabeleciam-se normas de uma nova ordem, fixando:

“1 — A administração geral da República Comunista será confiada ao Conselho Geral dos Comissários do Povo, constituído pelos representantes de todos os Comissariados Regionais.

“2 — Para cada ramo de atividade social o Conselho dos Comissariados do Povo constituirá um Comitê Administrativo de Comissários, que serão encarregados de normalizar os trabalhos do Conselho Geral dos Comissariados do Povo.

“3 — As deliberações do Conselho Geral dos Comissariados do Povo serão postas em prática pelo Conselho Consultivo, eleito entre os seus membros.

"4 — O Conselho Geral dos Comissariados do Povo reunir-se-á três vêzes por ano. Os Comitês Administrativos de Comissários reunir-se-ão mensalmente, as vêzes necessárias, cabendo-lhes executar os trabalhos que lhes forem confiados pelos Comitês Administrativos de Comissários".

A República constitui sempre uma forma de Estado, independentemente do caráter que tenha. A experiência da ditadura do proletariado fazia-se tão poderosa que levava os anarquistas, "inimigos irreconciliáveis" do Estado, a admitilo, sem querer e, talvez, sem o sentir, sob a forma da *República Comunista*.

Há um capitulo, no citado "programa", intitulado "Determinações Gerais". Dispõe que "tôdas as comissões das várias corporações da República Comunista terão duração periódica determinada pelas respectivas corporações e se compoem de número de membros aconselhados pelas necessidades". Mas, esclarece, "os seus mandatos serão sempre imperativos e nunca de mando, não gozando os seus componentes de condições especiais, estando equiparados nos direitos e deveres aos demais membros da comunidade e podendo ser substituídos em qualquer ocasião, desde que isso seja da vontade das corporações que representarem".

As Federações Corporativas, Conselhos Comunaes e Comissariados do Povo realizariam, periodicamente, convênios regionais para tratarem do desenvolvimento das questões profissionais, científicas, artísticas e literárias. Os Comissariados do Povo locais e regionais e o Conselho Geral dos Comissariados poderiam realizar reuniões extraordinárias, convocadas pelas Comissões Executivas, pelo Conselho Consultivo ou por dois terços das corporações que os constituiriam.

O regime instituiria a Caderneta Comunista, assegurando ao seu possuidor, entre outras coisas, o direito à alimentação, à moradia, "com a necessária higiene e conforto", e "o consumo nos cafés, que serão transformados de maneira a perderem a sua feição mercantil, tornando-se também centros de encontro e distração".

Equacionava-se, assim, o problema da habitação:

"1 — Cada família se acomodará na habitação correspondente ao número de seus componentes, na proporção de um dor-

mitório para cada adulto. Aos profissionais que necessitem trabalhar em casa será também assegurado um compartimento para êsse fim.

"2 — Os grandes prédios serão divididos de forma a poderem comportar mais de uma família com a necessária independência. Nas casas de muitos cômodos, serão alojadas outras, mantendo-se para isso as necessárias condições de independência.

"3 — As pessoas solteiras poderão se alojar sós, em casas para êsse fim divididas ou em grupos de afinidade.

"4 — Os grandes edifícios, hoje ocupados por repartições burocráticas ou inúteis, servirão de habitação para famílias hoje mal alojadas ou para nêles serem instalados museus, bibliotecas e institutos escolares.

"5 — Os palacetes e grandes vivendas, situados em bairros mais salubres, se destinarão a habitações de anciãos, enfermos, inválidos ou convalescentes ou para abrigo da infância.

"6 — A fim de se cuidar do problema da habitação, os Conselhos Comunaes estimularão a formação de grupos de moradores que poderão assumir o encargo de organizar imediatamente a estatística das casas desocupadas, das que merecem reformas e das que devam ser demolidas pelas suas condições anti-higiênicas ou de insegurança.

"7 — Por indicação dêsses grupos de moradores os Conselhos Comunaes providenciarão junto às respectivas Federações para a imediata mudança para casas vazias e prédios hoje ocupados pelos estabelecimentos que se desalojarem, grandes vivendas e palacetes, tôdas as famílias mal instaladas ou que habitem em locais isentos de higiene e de conforto. As casas, nessas condições, deverão ser, ato contínuo, destruídas como medida de higiene pública e segurança social.

"8 — Por uma ação conjunta das Federações, dos Conselhos Comunaes e dos Comissariados do Povo se tratará rapidamente de melhorar o alojamento das populações rurais, reformando as suas casas, demolindo as imprestáveis e construindo habitações convenientes.

"9 — Sempre que uma habitação exigir reformas, reclamadas pelos seus moradores ou por indicação da Federação de Higiene, os interessados farão a devida comunicação à seção local da Federação das Construções que deverá providenciar imediatamente".

O "programa comunista" de 1919 considerava ainda:

"Abolida a propriedade privada que determinou a odiosa desigualdade social; organizado o trabalho que deixará de ser como que um castigo para se tornar um elemento seguro de bem-estar e felicidade; desenvolvendo-se o regime de verdadeira equidade — os atos anti-sociais tenderão a decrescer rapidamente, não mais se verificando os crimes que constituem o mais horrível aspecto da sociedade burguesa.

"1 — Abolindo-se as prisões e penitenciárias que constituem corruptores centros de castigo a fatos originários dos vícios sociais, quando se derem casos, considerando os seus autores como desorientados ou anormais, procurar-se-á corrigi-los, em circunstâncias menos graves, como a admoestação entre os seus pares ou pública.

"2 — Em casos de reincidências ou de práticas de atos graves denunciantes de hábitos só compatíveis com organizações de doentes, ou tarados, êsses desgraçados serão entregues a cientistas que, como supremo recurso, poderão sujeitá-los a tratamento em hospícios especiais ou colônias regeneradoras para êsse fim criadas, onde serão tratados de acôrdo com os sentimentos de humanidade, restituindo-os ao convívio social logo que a experiência demonstre que não mais constituirão elementos de desassossêgo".

A *República Comunista* desprezaria como "antinaturais e arbitrárias" as divisões de nacionalidades e "manteria estreitas relações com todos os povos já constituídos em comunismo ou com as instituições populares dos países ainda sob o domínio do capitalismo". Previendo a hipótese de hostilidade dos elementos do capitalismo do interior e de outros países, consideraria combatentes todos os elementos válidos de sua população e formaria os grupos comunistas de defesa, federados entre si, em tôdas as localidades, distritos, bairros, quarteirões ou ruas. Os militares reintegrar-se-iam na coletividade, para exercer a sua atividade nos centros de produção, sob regime comum.

Os elementos de defesa militar, edifícios e apetrechos bélicos ficariam a cargo das federações dos grupos comunistas de defesa. Os arsenais passariam a produzir máquinas e instrumentos de trabalho, fabricando material bélico apenas na medida das necessidades. A Marinha de Guerra incorporar-

se-ia à Federação Marítima, aproveitando-se os seus elementos no trabalho de comunicações e de transporte. Mas a *República* manteria a sua potência bélica, para o caso de qualquer tentativa tendente a restabelecer o sistema capitalista e aproveitaria os profissionais, técnicos e práticos das instituições militares como instrutores dos grupos comunistas de defesa, continuando, porém, ligados à produção.

E, firmando o princípio da autoridade, declarava:

"Nenhuma luta armada será empreendida sem que isso se decida pela decisão suprema do Congresso Geral dos Comissariados do Povo".

Em 1921, escrito pelo militante anarquista Adelino de Pinho, surgiria outro folheto, procurando, com o exemplo da revolução russa, materializar o ideal libertário. Intitulava-se: *Quem não trabalha não come*.

Escrevia Adelino de Pinho:

"Quando, pois, a revolução russa varreu como um tufão a velha tirania czaresca, abatendo um sistema secular e execrável de despotismo religioso, político e econômico que mantinha uma população de cento e trinta milhões de criaturas na mais abjeta e asquerosa das servidões que é possível conceber e descrever, e que o govêrno dos Sovietes inscreveu no art. 18 de sua Constituição aquêlê preceito sugestivo e lapidar: "quem não trabalha não come", produziu-se como que um relâmpago na consciência humana..."

E proclamava:

"Queremos estabelecer uma sociedade justa e equitativa onde não exista exploração de qualquer espécie, onde os instrumentos de trabalho, as terras, as fábricas e as oficinas pertençam de direito à humanidade trabalhadora e não a meia dúzia de abutres sempre insaciáveis e insatisfeitos de sangue e de suor das pobres abelhas laboriosas.

"E é para realizarmos êste ideal nobre e elevado de felicidade, de liberdade e de magnanimidade social que precisamos do esforço e da colaboração de todos os trabalhadores intelectuais e manuais,

exortando-os a uma aproximação que se impõe evidenciada pela luz nova que brotou da celebrada fórmula revolucionária russa: quem não trabalha não come”.

Pouco tempo restaria ao apoio dos anarquistas à República dos Sovietes. Os que compreenderam o processo, a necessidade da ditadura do proletariado, para a conquista da sociedade sem classes e, finalmente, sem Estado e sem fronteiras, tornaram-se, realmente, comunistas, aderindo aos princípios da III Internacional. Os outros, aferrados aos preceitos de Proudhon, Bakunin e Kropotkin, voltaram-se contra o governo que emergiu da Revolução Russa de novembro.

Estava morto o PCB libertário e começava o ocaso do movimento anarquista no Brasil.

## Sob o Signo do Maximalismo

O PROLETARIADO brasileiro não esmoreceu, apesar de abortada a tentativa insurrecional de 18 de novembro de 1918. Preparava-se para novos combates. “O fracasso não entibou o ânimo de ninguém”, ressalta Everardo Dias.\* “Passados os primeiros meses da repressão policial, voltando a seu funcionamento, embora precário, os sindicatos, o pensamento dos elementos mais emancipados culturalmente e revolucionariamente voltou a persistir na preparação mais ativa e cuidadosa e numa amplitude nacional mais direta e efetiva de um movimento com caráter bem determinado de soviétismo”.\*\*

A guerra acabara com a vitória dos aliados. Mas o ano de 1919 entrou sem que houvesse qualquer modificação nas condições de vida dos trabalhadores brasileiros. O encareci-

\* *História das Lutas Sociais no Brasil*, Editora Edaglit.

\*\* *Op. cit.*